

EDUCAÇÃO SEXUAL X EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DA PEDAGOGIA

Rafaela Gonçalves Rainha ¹

RESUMO: A educação sexual ainda é um assunto com diversos vieses de interpretação na atualidade. Na educação infantil, toma critérios ainda mais complexos, tendo em vista as formas de abordagem da temática com os pequenos, que devem considerar o fato de que reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser. Tendo em vista a relevância de discutir sobre o assunto, este trabalho abordará diferentes aspectos interligados a esse processo dentro da escola, evidenciando possíveis métodos de atuação dos profissionais para com a temática, com enfoque na ação da pedagogia. A metodologia utilizada foi um estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa. Mediante aos diversos obstáculos na aplicação das diferentes facetas que provêm da educação sexual infantil, entende-se que essa temática não é facilmente abordada desde a infância. Embora englobe aspectos como higiene corporal, igualdade dos seres, prevenção ao abuso infantil e sexualidade segura, alguns entraves são pungentes na prática desse viés tão importante. É inegável que existem oportunidades e desafios na prática infantil da educação sexual e delimita-se como papel da pedagogia o enfrentamento dos obstáculos e aproveitamento das situações oportunas para que seja alcançado o ensino satisfatório acerca do tema, ressaltando que o mesmo constituirá um dos pilares para que a criança venha a se tornar um adulto consciente de si, seu corpo e sua atuação frente à sociedade.

Palavras-chave: Educação Sexual. Pedagogia. Educação Infantil

ABSTRACT

Sexual education is still a subject with several interpretation biases today. In early childhood education, it takes even more complex criteria, in view of the ways of approaching the theme with the little ones, who must consider the fact that repressing a child's sexuality is repressing their body, which constitutes the real basis of their own being. . In view of the relevance of discussing the subject, this work will address different aspects linked to this process within the school, highlighting possible methods of action of professionals towards the theme, focusing on the action of pedagogy. Due to the various obstacles in the application of the different facets that come from child sex education, it is understood that this issue is not easily addressed from childhood. Although it encompasses aspects such as body hygiene, equality of beings, prevention of child abuse and safe sexuality, some obstacles are poignant in the practice of this very important bias. It is undeniable that there are opportunities and challenges in the children's practice of sex education and the role of pedagogy is defined as facing obstacles and taking advantage of opportune situations so that satisfactory teaching on the subject is achieved, emphasizing that it will constitute one of the pillars for that the child will become an adult aware of himself, his body and his role in society.

Key-words: Sexual Education. Pedagogy. Child education

¹ Pedagoga. Pós-graduanda em Educação Infantil pela Fasul Educacional EaD (FASUL EDUCACIONAL).
E-mail: rafaela_barone22@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Miranda (2019), no século XXI, depois da família, a escola é o lugar por onde quase todas as pessoas passam em algum momento da vida. Assim, ambas as instituições são lugares privilegiados para governar crianças e jovens. Para fazer essa governança, Leão (2009) informa que são os saberes da Pedagogia e da Psicologia que se estendem/empreendem regras, preceitos e recomendações em torno das noções histórico-psicológicas de infância e adolescência. Mesmo nos momentos em que a escola propaga discursos de liberdade e criatividade, não abre mão de governar os corpos e as mentes para “dar a justa medida da liberdade desse homem.

O desenvolvimento da educação sexual, conforme Staub & Graupmann (2015), é um processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde o seu nascimento, e dele fazem parte todas as pessoas que convivem com a criança: pais, parentes, professoras, empregadas, e inclusive a mídia. Por isso a discussão sobre sexo precisa e deve ser encaminhada como parte da vida, assim como todas as outras descobertas e assuntos trazidos pelas crianças, e tratada com continuidade, embora existam fases diferentes e ritmos próprios que precisam ser respeitados. No início, Ribeiro (2013) define que trabalhava-se a sexualidade não porque acreditavam ser importante para o desenvolvimento integral do indivíduo, mas porque as pessoas começaram a ter a visão de que a educação sexual deveria ser discutida de uma forma que tratasse dos problemas que estavam aparecendo, como: a gravidez na adolescência, o uso de drogas por adolescentes e devido à preocupação de pais e educadores com o aparecimento da AIDS, que começava a “ameaçar” também aos jovens e mudar todos os conceitos e maneiras de vivenciar a própria sexualidade.

A educação sexual é compreendida muitas vezes como um assunto só para adultos e, de acordo com Yano & Ribeiro (2011), uma grande quantidade de mitos, preconceitos, medos e preocupações desnecessárias poderiam ser poupadas com esclarecimentos suficientes para a formação da autoimagem infantil, o que pode ser feito por uma apresentação didática da anatomia humana, não apenas na escola, mas também em casa.

Assis & Bonne (2017) evidenciam que falar sobre sexualidade é um grande desafio dentro da escola, principalmente na educação infantil. Muitas vezes este assunto gera polêmica e insegurança nos professores, que não sabem como abordar o tema com crianças tão pequenas. Paralelamente, a sociedade é cada vez mais bombardeada com novas formas de agir e ser das pessoas e dos grupos sociais e a educação tem lutado pela construção da identidade dos alunos ao mesmo tempo que busca a criação de uma geração capaz de respeitar as diversidades humanas, incluindo a diversidade sexual e de gênero. Staub & Graupmann (2015) ressaltam que a sexualidade, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como uma terra incógnita para os adultos que a vivenciam como uma temática assustadora e, muitas vezes, proibida. Nesse viés, Leão (2009) delimita que é necessária a compreensão que a sexualidade não pode ser considerada somente biológica, pois será uma construção de acordo com o meio sociocultural, que não acontece de forma paralela, tampouco é alheia à formação do indivíduo, ao contrário, ela se constitui no âmbito das relações sociais, ao mesmo tempo em que influencia a qualidade dessas relações.

Mormente, Nunes & Silva (2006) dizem que a sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de 'normalidade' que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes.

De acordo com Staub & Graupmann (2015), entende-se que a prática docente na educação infantil lida, no dia-a-dia, com experiências problemáticas que levam os educadores a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores relativos ao sexual, quando se deparam com situações oriundas das crianças regidas por uma vontade de saber. Com isso, frente à grande relevância da educação sexual para o desenvolvimento infantil, assim como a inerência desse contexto na composição fisiológica de cada ser, este trabalho aborda diferentes aspectos

interligados a esse processo dentro da escola, evidenciando possíveis métodos de atuação dos profissionais para com a temática, com enfoque na ação da pedagogia.

2. METODOLOGIA

O artigo trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa. Quanto ao levantamento bibliográfico, aproveitaram-se bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) utilizando os descritores “Educação Sexual”, “Pedagogia” e “Educação Infantil”.

O levantamento bibliográfico ocorreu no período de agosto a novembro de 2022 e buscou selecionar apenas textos nos idiomas inglês e português. Após a apuração dos artigos, foi sucedida leitura analítica, interpretativa e seletiva dos textos com o intuito de acomodar as informações contidas nas fontes, de forma que estas propiciassem a obtenção de esclarecimento sobre o tema da pesquisa.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Admitindo a sexualidade infantil, Freud (1984) propôs que ela se desenvolve no ser humano, a partir de fases do desenvolvimento (desde a mais tenra idade) que têm a função primordial de formas de gratificação libidinal, que envolvem determinadas áreas físicas correspondentes às etapas do desenvolvimento psicosssexual. Essas etapas são divididas em cinco fases: oral, anal, fálica, de latência e genital.

Constata-se, portanto, que as manifestações sexuais são muito importantes para o desenvolvimento em geral da criança, surge daí a preocupação para com a forma em que o assunto é abordado principalmente no âmbito escolar. Bona Junior (2011) dá ênfase no fato que a descoberta da importância das manifestações sexuais da infância na construção da personalidade adulta é o fundamento das preocupações com a educação da sexualidade, desde a mais tenra idade.

Ao situar o lugar da educação sexual na contemporaneidade, Reis, Muzzeti & Leão (2014) enfatizam que, especialmente ao final do século XX, ela tem sido foco de longos e intensos debates entre professores, médicos, pesquisadores, psicólogos e órgãos governamentais. Paraná (2009) relembra que, longe de terem qualquer pretensão de finitude, os entendimentos inerentes à educação sexual são aqueles que procuram mostrar o quanto os trabalhos pedagógicos e docentes estão, rigorosamente, articulados. Essa articulação reflete “certa coerência” entre muitos aspectos, entre eles: a representação que temos sobre o papel da educação e o que deve conter o currículo escolar, o entendimento e significados frente à sexualidade humana, a ideia do que é próprio para infância e para juventude, a noção filosófica da existência humana, a concepção de vida em sociedade, a compreensão sobre direitos humanos de respeito às diferenças.

Segundo Suplicy (1999), a criança que recebe esclarecimentos acerca de questões relacionadas à sexualidade futuramente tem maiores possibilidades de entender e adquirir responsabilidades com o próprio corpo, com a sua saúde e higiene. Logo, tal temática precisa ser trabalhada sempre que vierem à tona situações de cunho sexual que condicionem um espaço para esclarecimentos, cabendo ao professor muita atenção e iniciativa quando uma oportunidade emergir em meio à prática educativa. Ademais, Santos & Rubio (2013) pressupõem um trabalho educativo comprometido em promover a autonomia do educando, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus através da compreensão dos aspectos sócio-históricos-políticos que influenciaram na construção dos mesmos.

Maia e Ribeiro (2011) apontam que a educação sexual, que possui uma natureza não intencional, se institui de diferentes discursos, a exemplo do midiático (jornais, revistas, televisão, etc.) e do religioso, e determina a forma pela qual os sujeitos constroem seus valores morais e sexuais durante a vida. Por outro lado, a partir do momento em que esta educação sexual ultrapassa o domínio sociocultural mais amplo, que faz parte da história pessoal dos indivíduos e se converte em objeto de ensino e aprendizagem, com planejamento, organização, objetivos, métodos e didáticas próprias,

ela baliza sua ação ao recinto da escola. Dessa maneira, ela se transforma no que na atualidade é chamado de educação sexual escolar. Ademais, hoje, Ribeiro (2013) aponta que todos têm claro que o entendimento biológico, apesar de importante, é insuficiente para a compreensão total do indivíduo. E, com isso, a leitura dos aspectos emocionais, socioculturais, históricos, entre outros, tornam-se fundamentais quando se pensa em trabalhar educação e sexualidade.

Miranda (2019) salienta que é importante saber que, para o exercício de cuidar e educar na Educação Infantil, é imprescindível levar em consideração a singularidade das crianças, respeitando as suas dimensões culturais e sociais. Assim, não é possível separar a vida cotidiana da criança da vida na escola, pois, na educação infantil, a criança experiencia, na sua rotina, atividades exercidas/ vivenciadas em casa, tais como: comer, dormir, brincar, tomar banho, etc. Por conseguinte, Reis, Muzzeti & Leão (2014) destacam que falar de sexualidade na escola demanda um arcabouço teórico e humanista no tocante à temática, o que segue em direção à superação do senso comum como forma de conhecimento. Por isso, somente por meio de uma abordagem histórica e cultural acerca da construção da sexualidade do homem, pautada em um entendimento científico do desenvolvimento psicosssexual da criança, que se pode desenvolver um trabalho reflexivo de educação sexual na escola, que por seu turno também se proponha a analisar as manifestações da sexualidade infantil.

Paraná (2009) reforça que a educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade). Com isso, a Escola está sempre atrasada: em relação às

expectativas e as vivências das crianças e jovens, em relação a sua capacidade de mudar comportamentos com a informação que oferece.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, elucidados por Santos & Rubio (2013), muitas escolas atentas para a necessidade de trabalhar com a temática da Orientação Sexual em seus conteúdos formais, incluem o Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências Naturais e geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Até mesmo na educação infantil, essa maneira de abordar o tema, normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo. Ribeiro (2013) cita que para que a escola desenvolva o trabalho transversalizando conteúdo, é imprescindível que a sexualidade esteja inserida dentro do projeto pedagógico da instituição escolar, para que todas as disciplinas trabalhem em sintonia e de forma planejada.

Yano & Ribeiro (2011) delimitam, portanto, que dentre os meios de conhecimentos mais relacionados pelas crianças como fontes de informação sobre sexualidade estão: a mídia televisiva, a observação e análise dos acontecimentos ao seu redor, os amigos e os pais. Nesse viés, no estudo referido, os pais ensinavam os primeiros conceitos do que é ser um menino e uma menina, sobre comportamentos e sobre puberdade. Contudo, as crianças diziam que as informações que os pais forneciam eram insuficientes, sem riquezas de detalhes. As crianças queixavam-se dos pais por reprimi-las de conversar sobre este assunto, diziam ser feio ou falta de respeito da criança. Para evitar estas situações desagradáveis, elas buscavam por outros meios de informações, como os amigos e a mídia. Por fim, na concepção das crianças, o principal significado de sexualidade era o ato sexual e a identidade sexual. Mas ao falar sobre estes dois assuntos, os pequenos desdobravam os assuntos referentes ao gênero, aos papéis sexuais, à homossexualidade e à gravidez, assuntos que devem também ser trabalhados em ambiente escolar tendo em vista seu intrínseco papel social.

É importante ressaltar, conforme Paraná (2009), que o tratamento pedagógico desses temas relativos à sexualidade precisa considerar também as reproduções de

padrões sociais feitas na escola. Essas reproduções, muitas vezes, fundamentam-se apenas no senso comum, são influenciadas por uma série de fatores culturais relacionados a crenças e valores pessoais, e legitimam a família patriarcal. Para Silva e Pessoa (2013) o ponto inicial para um bom trabalho com a sexualidade dentro de sala de aula é a capacidade do educador de desconsiderar quaisquer preconceitos que tenha em relação a sexualidade, enxergando que a criança possui, naturalmente, curiosidade sobre seu corpo e sobre as relações dele com o meio. Isto não significa ensinar práticas sexuais aos pequenos, mas estar preparado para responder as dúvidas que surgirem de forma rápida e concisa.

Silva (2007) ainda afirma que o profissional da Educação Infantil deve ter um olhar atento, garantindo as crianças possibilidades de interação e de expressão de sentimentos e isso só será possível se esses professores estudarem a fundo e conhecerem o processo de desenvolvimento da criança e suas principais características em cada fase da vida. Isso inclui saber sobre a sexualidade e a importância desta para vida dos sujeitos.

Para o autor, outro ponto importante sobre o papel do professor está em sua função de observar e registrar o comportamento dos alunos cotidianamente. A observação atenta é uma grande aliada na descoberta de problemas emocionais da criança. Quando se observa algum comportamento repetitivo de caráter sexual é sinal que existe alguma angústia que o pequeno não está conseguindo resolver por meio da brincadeira e merece atenção especial. Ademais, Paraná (2009) destaca que não deve existir qualquer segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas, portanto, a prática pedagógica deve acontecer sempre em coeducação – é através da socialização do conhecimento que a Escola pode ser, inquestionavelmente, democrática.

Nesse sentido, Reis, Muzzeti & Leão (2014) inferem que a intervenção em educação sexual escolar precisa levar e conta o contexto das crianças envolvidas, ao passo que os assuntos relacionados à sexualidade devem ser discutidos de uma forma muito natural, de acordo com as necessidades encontradas em cada turma em particular, visando, assim, uma compreensão infantil gratificante dessas questões. Paraná (2009) expõe, por exemplo, que a linguagem plural, usada na Educação Sexual, deve

contemplar tanto o conhecimento científico, quanto o conhecimento popular/cultural – a Escola deve considerar igualmente válidos, os saberes populares (do senso comum), e os saberes sistematizados pela humanidade ao longo de sua história (o saber científico). Ambos são constituintes das experiências dos sujeitos e são expressões da multiplicidade linguística sociocultural humana.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, Furlani (2007) aponta que no âmbito do currículo escolar oficial, a Educação Sexual não é uma disciplina obrigatória, mas sim uma temática a ser transversalizada nos diversos conteúdos, em que o livro paradidático, por exemplo, constitui-se num recurso metodológico constante e imprescindível no dia-a-dia da sala de aula. Entretanto, esses livros não são somente integrantes curriculares, são também artefatos culturais. Seu texto (verbal e ilustrativo) produz e veicula representações de gênero e de sexualidade... “Ensina” modo(s) de “ser masculino” e de “ser feminino”, formas (ou a forma) de viver as sexualidades. Essas representações têm efeitos de verdade e contribuem para produzir sujeitos. A articulação entre currículo escolar e significados culturais, bem como a problematização relacional de marcadores sociais (sobretudo o gênero e a sexualidade), a partir desses livros, adquire fundamental importância na Educação Sexual que parece ser a mais produtiva.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017) ainda relembra que, na Educação Sexual, além do conhecimento do corpo, está presente também o cuidado com o corpo, como forma de higiene e promoção da saúde física. A falta de higiene com o corpo pode nos causar inúmeras doenças, sendo assim, esse é um assunto que deve ser discutido e praticado durante todas as fases da vida. Santos & Rubio (2013) ainda ressaltam que para as crianças, não é preciso forçar e dar mais informações do que o necessário, pois existem muitas coisas que elas não querem, não entendem e não precisam saber, pelo menos na infância. Assim como a sexualidade é algo de nossa natureza, tanto as descobertas e dúvidas, surgem naturalmente.

Paraná (2009) defende que a educação sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, tolerância... E assim, questionar preconceitos – sempre que possível, as atividades programadas devem levar as crianças e jovens a refletir sobre a importância de se aceitar “o outro”, “o diferente”. Essa educação pode ser vista como uma forma da Escola contribuir para a diminuição das desigualdades sociais, na busca pela paz, contra as muitas formas de exclusão baseadas no sexo (o sexismo e o machismo), no gênero (a misoginia), na raça (o racismo) e na sexualidade (a homofobia, a lesbofobia, a transfobia), na origem e classe social (a xenofobia). Resgatar valores humanos e considerar a diferença como positiva é contribuir para uma sociedade onde as pessoas sejam, efetivamente, mais felizes

Outro tema pertinente e que justifica a educação sexual nas escolas é a violência de cunho sexual. Em trabalho realizado por Yano & Ribeiro (2011), para as crianças, os agressores sexuais eram principalmente pessoas do sexo masculino, desconhecidas. Poucas crianças citaram pessoas conhecidas e próximas como agressoras sexuais. Dentre as pessoas citadas que seriam mais familiares e que poderiam ser agressores sexuais, eram os namorados e maridos. Tal fato ilustra o grande perigo eminente em possíveis casos de violência sexual em ambiente doméstico, elucidando que a prática da educação sexual é útil não para apontar alvos, mas para delimitar ações consideradas inapropriadas quanto ao próprio corpo, tendo em vista que no trabalho analisado as crianças consideravam violência sexual apenas quando ocorria o ato sexual forçado e outras situações de violência/abuso sexual não eram caracterizadas como forma de violência e/ou abuso sexual. Apesar de se sentirem tristes e incomodadas com alguma ocorrência vivenciada, não se consideravam vítimas e essas situações eram reportadas por elas apenas como uma tentativa frustrada de violência/abuso sexual.

Nesse viés, Leão (2009) evidencia que é válido endossar que tanto a falta de informação quanto a incitação de práticas precoces concernentes ao sexo são opostas a um desenvolvimento infantil proveitoso. Por fim, é extremamente importante que as crianças durante a escolarização desfrutem de um ambiente acolhedor no qual possam aprender sobre diferentes assuntos relacionados à sexualidade, os quais precisam ser informados de acordo com o nível de entendimento das mesmas.

Um grande exemplo de atividade realizada com enfoque profilático à violência sexual é a evidenciada na Figura 1, onde se colorem em cores diferentes as áreas onde é permitido ou não tocar e, mediante tal atividade, crianças aprendem a permissibilidade de toque em seus próprios corpos, além de serem alertadas quanto à necessidade de averiguarem com responsáveis se existe contato com as áreas ditas que “não podem ser tocadas” por estranhos.

Figura 1: Atividade de colorir em áreas permitidas e proibidas para o toque por “estranhos”.



Fonte: (A GAZETA, 2020)

Leão (2009) elucida que muitas vezes, as crianças revelam seus sofrimentos, seus anseios, seus medos na rotina das instituições de educação infantil por meio de muitas linguagens, como o desenho, as brincadeiras, os jogos de faz de conta, onde aparecem conteúdos de ordem sexual e de abusos, geralmente, por parte daqueles que tem a responsabilidade de protegê-los. Muito embora o abuso sexual apenas deixe marcas traumáticas nos corações e nas mentes dos pequenos, também o próprio corpo da criança diz muito sobre as violências a que são acometidas. Essas marcas ficam expostas no trabalho da educação infantil, que exige do educador cuidados que remetem a contatos com o corpo do infante. As resistências ao toque, aos carinhos e as marcas no seu corpo falam de sofrimentos e de maus tratos na infância. Essas são algumas

evidências a que os educadores recorrentemente se deparam e que exigem um olhar mais cuidadoso e uma atitude frente ao problema.

Santos & Rubio (2013) ressaltam que toda criança tem suas dúvidas sobre a sexualidade, e quando não sanadas, elas acabam por descobrir por si próprias, devido à facilidade de acesso aos meios de informação e comunicação. Na maioria das vezes, elas acabam construindo conceitos errados, que não vão contribuir construtivamente para sua vida no futuro. Muito pelo contrário, se a criança não receber as informações devidas, conseqüentemente vai desconhecer os riscos em que poderão estar expostas no futuro. A satisfação de tais curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão.

Nesse viés, Santana (2010) delimita que a idade adequada para que seja discutido este assunto não pode ser dita, sabendo que tudo depende de maturação cognitiva e física da criança, pois a partir do seu crescimento e de sua evolução é que vai se descobrindo e tendo dúvidas sobre seu corpo. É imprescindível ressaltar que o trabalho com os anos iniciais acerca desse tema é relevante, pois o desenvolvimento emocional e sexual acontece não só em adultos, mas também em crianças, tendo em vista que o crescimento psicossocial ocorre em todos os estágios do desenvolvimento infantil. Ademais, Staub & Graupmann (2015) delimitam que a educação para a sexualidade deve acontecer no espaço escolar com o auxílio da família e da comunidade, visando sempre o bem comum, a boa formação da criança para a vida, com seu desenvolvimento completo, sendo respeitadas suas dúvidas, anseios, para que futuramente, possa se tornar um adulto seguro e bem decidido na vida.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017) aponta que se faz importante que seja reconhecido que o trabalho com a Educação Sexual infantil está diretamente associado ao amor, ao respeito, e ao direito a apropriação do conhecimento. Entende-se que por meio da igualdade de direitos, possibilita-se a igualdade social. Nesse sentido, educa-se sexualmente para que se possa auxiliar os sujeitos na busca pelo seu bem-estar, no entendimento e aceitação do próprio corpo, pelo conhecimento, cuidado e prevenção. Busca-se desenvolver na criança, a autoestima e condições para que se sinta segura na busca de ajuda e ou informações quando necessário.

Compreender a sexualidade sem preconceitos, tabu ou culpa e assim relacionar-se de modo respeitoso e com responsabilidade. Ademais, a igualdade entre os sexos masculino e feminino é um dos pilares da educação sexual, o que contrasta com o apresentado por Santos & Rubio (2013), definindo que, assim como o corpo, parte das brincadeiras infantis são diferentes quando destinadas para meninos e meninas, pois mesmo que não exista uma regra, naturalmente isso acaba sendo uma questão de costume entre eles, o que não significa que uma menina que goste de brincar de carrinho não vai ser uma “mulher” de verdade quando adulta, a mesma coisa para meninos que se interessam por brincadeiras ditas “femininas”. Contrastando esse costume, é importante que desde a infância as crianças tenham uma visão ampla sobre o sexo oposto, que o homem não tem poder sobre a mulher, que ambos podem ter uma vida profissional com sucesso, que todos podem administrar uma casa e cuidar de uma família juntos, sem sobrecarregar nem um, nem outro.

Santana (2010) ainda destaca que é consenso entre os educadores sexuais que desde pequenos é necessário aprender a lidar com os nomes dos genitais, mas para a família esse hábito incorporadas as mudanças nem sempre é fácil. Quem trabalha com criança sempre terá um caso pra contar, descobrir o próprio corpo faz parte da tarefa de tentar entender o mundo e o prazer em manipular os órgãos é só umas das primeiras tarefas. A criança apresenta mudanças no comportamento cotidiano que podemos identificar como o “florescer” da sexualidade. Com a observação assídua e um acompanhamento de seus alunos/filhos poderemos constatar o momento em que estarão prontos para conhecer sobre sexualidade. Ademais, Ribeiro (2013) defende que a implantação de projetos de educação sexual contribui para que a criança ou o jovem — e adultos de amanhã — tenha uma vida mais integrada, saudável, com uma melhor autoestima e maior conhecimento do próprio corpo e consciência de ter relações preventivas.

Complementarmente, Paraná (2009) elucida que a descoberta corporal é expressão da sexualidade. Brincar com os genitais é uma etapa desse aprendizado, já na infância – comumente na educação infantil, as crianças manipulam seus genitais – o que causa, muitas vezes, embaraço e constrangimento na Escola. Este ato faz parte de

um processo universal, esperado e benéfico do aprendizado infantil da sexualidade. A escola pode educar a criança a aprender noções acerca de intimidade e privacidade pessoal, entendendo o momento e o local apropriado para tais manifestações. Há uma grande diferença entre “educar para a negação-proibição” e “educar para a positividade-consentimento”. Consentir significa orientar a criança e a/o jovem para que entendam e aprendam o local e o momento adequados para manifestar sua sexualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante aos diversos obstáculos na aplicação das diferentes facetas que provêm da educação sexual infantil, entende-se que essa temática não é facilmente abordada desde a infância. Embora englobe aspectos como higiene corporal, igualdade dos seres, prevenção ao abuso infantil e sexualidade segura, alguns entraves são pungentes na prática desse viés tão importante.

O papel da escola é frequentemente questionado frente à demanda de aplicação da educação sexual infantil. Embora valores morais devam ser ensinados dentro o ambiente domiciliar para fomentar a prática, muitas vezes o que se vê é a disseminação de ideais preconceituosos gerando barreira no ensino acerca da sexualidade. Nesse viés, cabe ao educador capacitar-se eficientemente sobre o assunto e propor conscientização tanto do infante quanto de seu núcleo familiar.

É inegável que existem oportunidades e desafios na prática infantil da educação sexual. Delimita-se como papel da psicopedagogia o enfrentamento dos obstáculos e aproveitamento das situações oportunas para que seja alcançado o ensino satisfatório acerca do tema, ressaltando que o mesmo constituirá um dos pilares para que a criança venha a se tornar um adulto consciente de si, seu corpo e sua atuação frente à sociedade.

REFERÊNCIAS

A GAZETA. **Livros e vídeos ajudam a conversar com as crianças sobre abuso sexual**: esses são recursos que podem ser usados pelas famílias e pelas escolas, mas o diálogo sobre o assunto é fundamental para evitar o crime. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/livros-e-videos-ajudam-a-conversar-com-as-criancas-sobre-abuso-sexual-0820>. Acesso em: 14 out. 2021.

ASSIS, Tatiana Aparecida de; BONNE, Maruza Brasil. **Sexualidade**: o desafio dessa questão na educação infantil. 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/sexualidade-o-desafio-dessa-questao-na-educacao-infantil-.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

BONA JUNIOR, A. (Org). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Miranda, Amanaiara Conceição de Santana. **Sexualidade e gênero na educação infantil** / Amanaiara Conceição de Santana Miranda. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019

FREUD, S. Resumo das Obras Completas. Rio de Janeiro. São Paulo. Livraria Atheneu, 1984. Zimerman, D. E. (1999). **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed.

FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidades e gêneros**: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a11n46.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

MAIA, A. C. B; RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual**: princípios para ação. In: Doxa, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2006.

PARANÁ. Superintendencia da Educação. Departamento da Diversidade - Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009. 218 p.

REIS, Fernanda; MUZZETI, Luci Regina; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Sexualidade e infância**: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. Revista Contrapontos, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 634-650, 30 out. 2014. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v14n3.p634-650>.

RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual**. 2013. Disponível em: http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Educao_Sexual.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

SANTANA, Michelle Farias Santos. **Educação sexual para crianças**: o papel da escola. 2010. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_09-1.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

SANTOS, Inaiá Alves dos; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: Possibilidades e Desafios. Rev. Eletrônica Saberes da Educação, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-17, dez. 2013.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

SILVA, Patrícia Edíone; PESSOA, Elvira Bezerra. **Relações de gênero e sexualidade na escola**: uma investigação na prática docente. 2013

STAUB, Fabiana Roberta Barreto Bonfim; GRAUPMANN, Edilene Hatschbach. **Educação infantil**: uma abordagem sobre a sexualidade. In: EDUCERE, 12., 2015, Brasília. **Anais [...]**. São Paulo: Unespar/uv, 2015. p. 10433-10446.

SUPLICY, M. **Papai, mamãe e eu**: desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade - Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Educação Infantil x Sexualidade**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2017. 27 p.

YANO, Karen Murakami; RIBEIRO, Moneda Oliveira. **O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco**. Rev. Esc. Enferm USP, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1315-1322, abr. 2011.

